

A cerimônia do adeus

Gaudêncio Torquato

07 MAR 1990

Os últimos dias do governo Sarney passam a sensação que o presidente que sai chega ao fim da reta sem ter cumprido a missão para a qual foi convocado. O presidente Sarney, desgraçadamente, se posicionou em degraus abaixo do patamar de seu tempo. Sarney coordenou uma gestão fracassada, apesar de lutar desesperadamente, e foi, no Governo, um administrador com alma de diplomata. Por isso, não sai como herói.

A sensação de que Sarney esteve todo tempo desatualizado é decorrência de um discurso gasto, recheado de chavões e, mais que isso, dissonante: o País de Sarney é uma ilha de democracia, paz, prosperidade e bem estar, plasmada pelas mãos de um estadista exemplar e raro no contexto das precárias democracias latino-americanas. Ele se auto-retrata como o construtor dos alicerces democráticos do Brasil contemporâneo. Aqui começa sua visão caolha.

As liberdades democráticas que o ex-trombetista da lendária banda de música da UDN diz ter concedido ao País e que eleger como principal eixo de seu Governo são conseqüências do esgotamento de um ciclo político desenvolvido pelos militares e encerrado pelo caudaloso conjunto de pressões da sociedade. Sarney foi um acidente de percurso e apenas um agente do natural processo de diástole que abriu os pulmões da Nação.

Não se nega, evidentemente, seu esforço para preservar e mesmo expandir a expressividade da locução nacional. Daí a dizer que é o artífice da descontração nacional não passa de um deslavado exagero. Mesmo que quisesse, não teria como forçar um fechamento institucional, com o regresso dos rigores autoritários do militarismo. A parede social não deixaria. Um governante que respira

ares de modernidade e procura compreender seu povo, sabe que o clima de liberdade de um país não é concessão de um poder onisciente nem um ato isolado de benemerência do círculo maior do estabelecimento político. Por pensar assim, Sarney lê errado sua administração e constrói uma falsa imagem de si mesmo.

Excluída a hipótese de o País ter sido guiado pelo **artífice das liberdades**, resta a análise de sua atuação no plano administrativo. Cabe, neste aspecto, a pergunta natural para qualquer governante: qual foi a grande obra de José Sarney? Ninguém, de bom senso, consegue adivinhar. Seus grandes projetos, como a ferrovia Norte-Sul, apenas tiveram início, as zonas de exportação ficaram no papel, o programa do leite transformou-se em ferramenta eleitoreira e assistencialista. E grandes projetos estão sendo transferidos para a próxima administração. Ressalva-se a política ambiental e defesa do meio ambiente, a cargo do Ibama, bem planejada e com resultados positivos.

O mais lamentável da administração Sarney reside no fato inquestionável de que ele teria excepcionais condições para acertar. A começar pela eficácia de sua história política. Político combativo, inovador, afeito às lides intelectuais, portanto aberto às idéias do mundo moderno, o maranhense poderia ter antecipado o ingresso do Brasil no contexto da modernização que invade a geopolítica internacional. Mas Sarney foi, reconhecidamente, um conservador, ao contrário do parlamentar brilhante, um tribuno de qualidades, um governador que abriu as janelas de um Maranhão pobre para uma fase desenvolvimentista, caracterizada pelo início da industrialização. Tinha uma imagem de progressista nos tempos do autoritarismo. Sai com uma imagem de conservador e ultrapassado.

Por que Sarney errou tanto? Como justificativa, aponta-se para a crise do Estado, construída a partir do endividamento feito pelos militares. Sabe-se, também, que o sucesso de um presidente se mede por sua capacidade de administrar a crise. Não foi o que se viu no governo Sarney. Com ela, o País chega ao fundo do poço.

Ele errou em não criar um sólido esquema de coordenação política. Ficou muito tempo à mercê dos partidos que lhe deram sustentação. Falhou porque nunca possuiu coordenação administrativa. O Governo não teve um comandante. Os ministérios transformaram-se em feudos e os ministros, com raras exceções, em alinhavadores de projetos políticos pessoais ou de amigos. Pecou por não possuir uma identidade. Sem cabeça, o corpo não funciona bem. Vegeta. O fim é trágico. Um político brilhante fenece e deixa o comando da Nação com a imagem de homem tibio, confuso, lerdo e sem criatividade.

Collor, ao contrário, parece desejar profundamente expulsar os demônios que fazem da política brasileira o inferno da administração. Se Sarney foi um comandante movido a pressões, Collor quer conviver sem elas. Será difícil, mas o perfil do novo governante permite inferir que não fará do seu governo uma extensão das paróquias estaduais. Collor é claro. Sarney é disperso, lento. O que sai não tinha nada a dizer ao mundo. O que entra conseguiu dialogar na mesa dos grandes.

E por tudo isso que o final do governo Sarney exhibe um clima de profunda tristeza, como se estivéssemos presenciando uma **cerimônia do adeus** a um estilo retrógrado de governar. Sarney, o parlamentar de mérito, um homem profundamente sofrido, não merecia tanto.

□ **Gaudêncio Torquato** é jornalista e professor da Universidade de São Paulo